

OFICINA PEDAGÓGICA EM GEOGRAFIA E FORMAÇÃO DOCENTE: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO SOBRE DIREITOS HUMANOS, REFÚGIO E GEOPOLÍTICA NO ENSINO MÉDIO TÉCNICO

TALLER PEDAGÓGICO EN GEOGRAFÍA Y FORMACIÓN DOCENTE: UNA EXPERIENCIA DE ENSEÑANZA SOBRE DERECHOS HUMANOS, REFUGIO Y GEOPOLÍTICA EN LA EDUCACIÓN SECUNDARIA TÉCNICA

PEDAGOGICAL WORKSHOP IN GEOGRAPHY AND TEACHER EDUCATION: A TEACHING EXPERIENCE ON HUMAN RIGHTS, REFUGE, AND GEOPOLITICS IN TECHNICAL SECONDARY EDUCATION

WELISON NASCIMENTO MEIRA

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA, Brasil
<meirawelison123@gmail.com>

WASHINGTON DE JESUS CAIRES

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA, Brasil
<202020728@uesb.edu.br>

EMANUELE RIBEIRO SANCHES

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA, Brasil
<201920072@uesb.edu.br>

SANDRA MARA VIEIRA OLIVEIRA

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA, Brasil
<sandra.oliveira@uesb.edu.br>

ELIZABETH GOMES MOURA

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA, Brasil
<201920535@uesb.edu.br>

VALDECI SILVA DE ARAÚJO COUTINHO

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA, Brasil
<202110824@uesb.edu.br>

Resumo

O artigo relata uma experiência formativa vivenciada por licenciandos em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) na disciplina "Oficinas pedagógicas para o ensino de Geografia". A atividade ocorreu no Instituto de Educação Euclides Dantas (IEED), com uma turma do 3º ano do curso Técnico em Segurança do Trabalho. A oficina abordou temas ligados à geopolítica e aos direitos humanos, objetivando suprir uma lacuna no ensino de Geografia, e integrou leitura, vídeo, produção artística e questões do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), promovendo reflexões críticas e engajamento dos estudantes. Os licenciandos vivenciaram o planejamento e a mediação pedagógica. A experiência evidenciou a importância das oficinas como estratégias didáticas, contribuindo para a formação de professores críticos, sensíveis e comprometidos com a transformação social por meio de uma Geografia escolar significativa e contextualizada.

Palavras-chave: ensino de geografia; formação docente; oficina pedagógica.

Resumen

Este artículo describe una experiencia de formación para estudiantes de Geografía de la Universidad Estatal del Suroeste de Bahía (UESB) en el curso "Talleres pedagógicos para la enseñanza de la Geografía". La actividad se llevó a cabo en el Instituto de Educación Euclides Dantas (IEED), con una clase de tercer año del programa de Técnico en Seguridad Laboral. El taller abordó temas relacionados con la geopolítica y los derechos humanos, con el objetivo de cubrir una brecha en la enseñanza de la Geografía, y integró lecturas, videos, producción artística y preguntas del Enem (Examen Nacional de Enseñanza Media), fomentando la reflexión crítica y la participación estudiantil. Los estudiantes experimentaron la planificación y la mediación pedagógica. La experiencia destacó la importancia de los talleres como estrategias de enseñanza, contribuyendo a la formación de docentes críticos, sensibles y comprometidos con la transformación social a través de una Geografía escolar significativa y contextualizada.

Palabras clave: enseñanza de geografía; formación docente; taller pedagógico.

Abstract

This article describes a training experience for Geography undergraduate students at the Southwest Bahia State University (UESB) in the course "Pedagogical Workshops for Teaching Geography." The activity took place at the Euclides Dantas Institute of Education (IEED), with a third-year class of the Occupational Safety Technician program. The workshop addressed topics related to geopolitics and human rights, aiming to fill a gap in Geography teaching, and integrated reading, videos, artistic production, and Enem (National High School Exam) questions, fostering critical reflection and student engagement. The undergraduate students experienced pedagogical planning and mediation. The experience highlighted the importance of workshops as teaching strategies, contributing to the training of critical, sensitive teachers committed to social transformation through meaningful and contextualized school Geography.

Keywords: geography teaching; teacher training; pedagogical workshop.

Introdução

A formação inicial de professores representa um momento fundamental na constituição das identidades docentes e na construção de práticas pedagógicas comprometidas com uma educação crítica e transformadora. No campo da Geografia, essa formação deve articular teoria e prática de modo a preparar educadores capazes de problematizar a realidade, de valorizar a diversidade e de enfrentar os desafios sociais contemporâneos. Nesse contexto, este artigo apresenta um relato de experiência desenvolvido por discentes do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), no âmbito da disciplina "Oficinas pedagógicas para o ensino de Geografia".

A experiência foi vivenciada no Instituto de Educação Euclides Dantas (IEED), localizado no município de Vitória da Conquista-BA, junto à turma do 3º ano B do curso Técnico em Segurança do Trabalho, entre os meses de abril e de junho de 2025. A intervenção pedagógica teve como ponto de partida a identificação, por parte da equipe docente da escola, de uma lacuna no ensino de Geografia no 2º ano do ensino médio no ano letivo anterior, especialmente em temas relacionados à geopolítica, à mobilidade humana e aos direitos humanos. Em resposta a essa demanda, foi concebida e implementada a oficina "Fronteiras invisíveis: refugiados, xenofobia e apatridia no mundo contemporâneo", cuja proposta integrou os objetivos formativos da disciplina do ensino superior com as necessidades educacionais da escola parceira.

O presente artigo tem como objetivo descrever e analisar essa experiência pedagógica, destacando os processos de planejamento, de execução e de avaliação da oficina, bem como as aprendizagens construídas pelos licenciandos e pelos estudantes da educação básica. Para tanto, adota-se uma abordagem fundamentada nos pressupostos da educação geográfica crítica, em consonância com autores como Cavalcanti (2012), Copatti (2020a; 2020b), Castrogiovanni (2007) e Sousa Neto (2005), que defendem o papel do professor como mediador do conhecimento, como agente político e como sujeito ético diante das complexidades do mundo contemporâneo. Ao relatar essa prática formativa, busca-se

contribuir para a reflexão sobre o ensino de Geografia em contextos escolares desafiadores, reafirmando o compromisso da universidade com a formação de educadores sensíveis, criativos e comprometidos com a transformação social.

Fundamentos teóricos sobre formação docente e oficinas pedagógicas em Geografia

A formação de professores de Geografia demanda uma perspectiva crítica e comprometida com a transformação das realidades escolar e social. Nesse processo, o professor é compreendido como sujeito ativo no processo educativo, como mediador do conhecimento e como agente político, capaz de articular teoria e prática de forma reflexiva e transformadora (Copatti, 2020b). Tal concepção rompe com a visão tecnicista da docência, reafirmando o papel do educador como protagonista na construção de uma educação significativa e comprometida com a justiça social.

Cavalcanti (2012) destaca que a formação docente deve priorizar profissionais problematizadores, capazes de interpretar e de intervir na realidade por meio da articulação entre os saberes acadêmicos e o contexto sociocultural dos estudantes. Para a autora, o professor de Geografia deve assumir a postura de um intelectual orgânico, comprometido com a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel na sociedade. Nessa mesma direção, Copatti (2020a) enfatiza que a formação inicial constitui apenas o ponto de partida na constituição de um pensamento pedagógico-geográfico, que se constrói continuamente na inter-relação entre conhecimento científico, saberes pedagógicos e experiências práticas. Essa articulação favorece a emergência de docentes autônomos, reflexivos e comprometidos com seu tempo histórico.

Ainda segundo Copatti (2020a), a prática docente deve superar os modelos de ensino fragmentados e instrumentalizados, promovendo uma educação pautada no pensamento crítico, na hermenêutica e na consciência sociopolítica do ato de ensinar. Trata-se de uma Geografia escolar orientada para a formação de sujeitos protagonistas, que compreendam as dinâmicas do mundo contemporâneo e que sejam capazes de atuar criticamente sobre ele.

Castrogiovanni (2007) complementa essa abordagem ao afirmar que o ensino de Geografia deve ser prazeroso, despertando o interesse e o engajamento dos estudantes, sem perder de vista uma intencionalidade pedagógica clara e fundamentada. Para o autor, é fundamental que a prática educativa estabeleça conexões com os territórios, com as vivências e com as realidades dos alunos, rompendo com a lógica tradicional centrada na memorização descontextualizada de conteúdos.

Sousa Neto (2005) reforça essa concepção ao destacar que a docência é, por natureza, uma prática ética, social e política. A escola, nesse sentido, é concebida como a “oficina do professor”, espaço privilegiado de articulação entre saberes, práticas e compromissos coletivos. Reconhecer o professor de Geografia como agente transformador implica

ressignificar sua atuação diante dos desafios impostos pelas desigualdades sociais, pelas mudanças territoriais e pelas demandas emergentes no contexto educacional.

Nesse horizonte, a oficina pedagógica surge como uma estratégia formativa que potencializa a articulação entre teoria e prática, promovendo a construção coletiva do conhecimento. Paviani e Fontana (2009) compreendem a oficina como um espaço de aprendizagem baseado na vivência, na execução e na reflexão crítica, sustentado pelo tripé “sentir, pensar e agir”. Para as autoras, essa abordagem rompe com o foco tradicional da cognição e favorece a produção ativa e significativa de saberes, ao articular conceitos a ações concretas e ao estimular a participação dos sujeitos no processo formativo. Assim, a oficina pedagógica configura-se como um dispositivo metodológico que contribui não apenas para a formação docente, mas também para a ressignificação do ensino de Geografia, ao valorizar a experiência, a criatividade e a construção de sentidos através das realidades vividas.

Etapas de planejamento e de execução da oficina pedagógica

O componente curricular “Oficinas pedagógicas para o ensino de Geografia” tem como foco a análise crítica dos recursos didático-pedagógicos e sua aplicação nos processos de ensino e de aprendizagem da Geografia. A disciplina propõe a construção de oficinas como espaços de experimentação e de reflexão, voltados à elaboração de práticas educativas significativas. Com base nessa proposta, a disciplina foi estruturada em duas etapas complementares e interdependentes.

A primeira etapa teve como objetivo fomentar, entre os licenciandos, reflexões sobre a importância do espaço da sala de aula e do uso de recursos didáticos no ensino de Geografia. Sob a orientação da professora responsável, os estudantes realizaram leituras dirigidas que abordaram a natureza e os objetivos das oficinas pedagógicas, o papel do professor como mediador do conhecimento e o potencial dos recursos didáticos na promoção de aprendizagens prazerosas e críticas. Também se discutiu a oficina pedagógica como um espaço de formação ativa, significativa e contextualizada, que integra teoria e prática na construção do saber docente.

A segunda etapa contemplou o diagnóstico da escola-campo, a elaboração do plano de trabalho da oficina, a produção de um texto didático orientador, a confecção de recursos pedagógicos e a execução da proposta junto à turma selecionada. Para isso, os discentes participaram de reuniões com a docente da disciplina, nas quais foram debatidos os fundamentos teóricos, metodológicos e operacionais da proposta, buscando garantir a coerência entre os objetivos da formação docente e as necessidades do público-alvo.

Durante esse processo, os licenciandos realizaram observações sistemáticas na turma do 3º ano B do curso Técnico em Segurança do Trabalho do IEED, com registros em diário de campo sobre o andamento das aulas, os conteúdos trabalhados e o perfil dos estudantes. O diálogo com a professora regente de Geografia revelou a ausência da disciplina no 2º ano do

ensino médio em 2024, identificada como uma lacuna a ser suprida. Assim, definiu-se que a oficina abordaria conteúdos relacionados à geopolítica, às migrações internacionais, aos direitos humanos e à cidadania global, em consonância com o currículo escolar e com temas recorrentes no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Como etapa preparatória, foi realizada uma aula teste com a turma do 3º ano A, não contemplada pela oficina, a fim de avaliar e ajustar a proposta pedagógica. A oficina, intitulada “Fronteiras invisíveis: refugiados, xenofobia e apatridia no mundo contemporâneo”, foi aplicada em 13 de junho de 2025, com a turma do 3º ano B, no turno matutino. Inicialmente planejada para cinco aulas de cinquenta minutos, a atividade foi reorganizada em três, em função da programação da gincana junina da escola. Ainda assim, as estratégias metodológicas e os objetivos formativos foram preservados.

A oficina foi estruturada em oito etapas sequenciais, organizadas de forma didática e interligada, visando favorecer a compreensão gradual dos conteúdos, o engajamento dos estudantes e a construção coletiva do conhecimento geográfico. Cada etapa foi planejada para articular diferentes linguagens, metodologias e recursos, promovendo um ambiente participativo, crítico e sensível às vivências dos alunos, conforme descrito a seguir.

Organização inicial e acolhimento da turma

Os estudantes foram organizados em semicírculo e, posteriormente, em pequenos grupos, de modo a favorecer a interação visual, a escuta atenta e a construção coletiva do espaço de aprendizagem. Osicineiros iniciaram com uma breve apresentação pessoal e da proposta da oficina, contextualizando o tema de forma acessível e instigante. Em seguida, conduziram um momento de acolhimento por meio de uma dinâmica leve, na qual cada estudante compartilhou seu nome e uma palavra associada à ideia de “fronteira” ou de “direitos humanos”. Essa atividade buscou criar um ambiente de confiança, respeito e proximidade, estimulando a participação ativa ao longo de toda a oficina.

Quadro 1 - Etapa 1: Organização e acolhimento

Objetivo	Metodologia	Recursos	Resultados esperados
Promover um ambiente acolhedor e participativo, reduzindo barreiras iniciais e aproximando os estudantes do tema.	Disposição em semicírculo e pequenos grupos. Apresentação dosicineiros. Dinâmica de apresentação com palavras-chave relacionadas ao tema.	Espaço físico organizado em roda. Quadro ou cartolina para registrar as palavras citadas pelos alunos.	Fortalecimento de vínculos. Engajamento inicial da turma. Levantamento de percepções prévias sobre fronteiras e sobre direitos humanos.

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Exibição de vídeos sensibilizadores

Para sensibilizar os estudantes acerca da realidade das migrações forçadas, foi apresentado o vídeo “Mini-documentário mostra trabalho da igreja com refugiados na Europa”, publicado em 19 de junho de 2016 no YouTube. A produção, divulgada no contexto do Dia Mundial do Refugiado, apresenta a atuação da Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais (ADRA) no acolhimento de pessoas que fogem de guerras, sobretudo da Síria, desde o agravamento da crise migratória em 2015. O documentário registra o trabalho de voluntários na ilha de Lesbos (Grécia) e em outras localidades, evidenciando o atendimento emergencial oferecido aos refugiados, com cuidados médicos, assistência psicológica, triagem de crianças e idosos, distribuição de roupas e alimentos, além do apoio em acampamentos de acolhida.

Após a exibição do vídeo, foi realizada uma roda de conversa com perguntas provocadoras, estimulando os estudantes a refletirem sobre as condições enfrentadas pelos refugiados, o papel das organizações humanitárias e a relação do tema com os direitos humanos.

Leitura e discussão de texto didático

Distribuiu-se um texto elaborado pelosicineiros, produzido por meio do método de bricolagem (figuras 1 e 2), cuidadosamente adaptado ao perfil da turma.

Figura 1 – Primeira parte do texto didático “Fronteiras invisíveis: refugiados, xenofobia e apatridia no mundo contemporâneo”

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia — UESB
Instituto de Educação Euclides Dantas - IEED

DISCIPLINA: GEOGRAFIA TURMA: 3ºB TST PROFESSORA REGENTE:

FRONTEIRAS INVISÍVEIS: REFUGIADOS, XENOFOBIA E APATRIDIA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Vivemos em um mundo globalizado, onde informações, mercadorias e pessoas circulam com rapidez. No entanto, nem todos têm o mesmo direito à mobilidade. Milhões de pessoas são forçadas a deixar suas casas devido a guerras, perseguições políticas, desastres naturais e crises econômicas. Essas pessoas são conhecidas como refugiados.

QUEM SÃO OS REFUGIADOS?

Refugiados são indivíduos que cruzam fronteiras internacionais em busca de proteção, segurança e dignidade. Até meados de 2024, o mundo contabilizou cerca de 43,7 milhões de refugiados, dentro de um total de 122,6 milhões de pessoas deslocadas à força. Isso significa que mais de 1 em cada 67 pessoas no mundo está fora de seu local de origem por motivos de força maior.

O QUE É APATRIDIA?

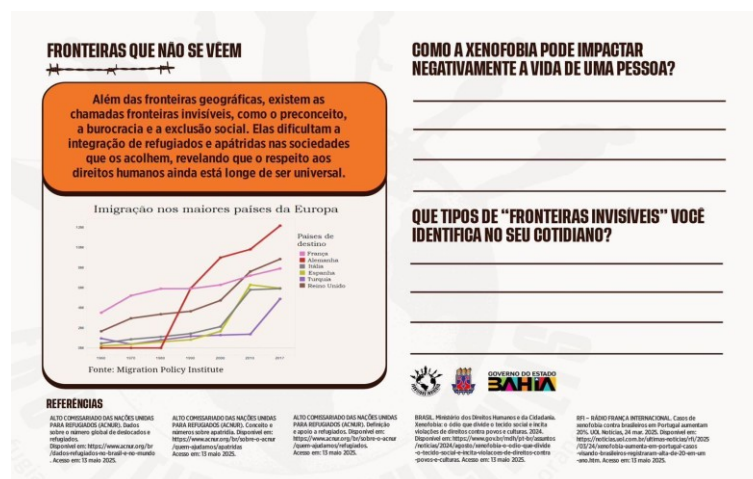
A apatridia ocorre quando uma pessoa não é reconhecida como cidadã por nenhum país. Em junho de 2024, cerca de 4,4 milhões de pessoas viviam nessa condição. Sem nacionalidade, essas pessoas enfrentam grandes dificuldades para acessar serviços essenciais como saúde, educação e trabalho formal.

XENOFOBIA: O PRECONCEITO CONTRA ESTRANGEIROS

A xenofobia é o medo ou aversão a estrangeiros. Ela se manifesta em atitudes discriminatórias e hostis contra imigrantes. No Brasil, entre 2021 e 2022, as denúncias de xenofobia cresceram 874%, superando outras formas de preconceito como o racismo. Em Portugal, os casos de xenofobia contra brasileiros aumentaram 20% em 2024.

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Figura 2 – Segunda parte do texto didático “Fronteiras invisíveis: refugiados, xenofobia e apatridia no mundo contemporâneo”



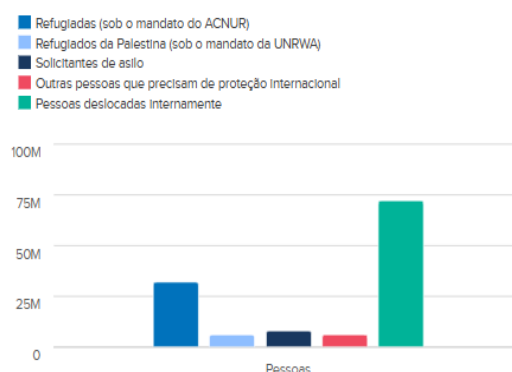
Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

A leitura foi realizada em duplas ou pequenos grupos, favorecendo a interação entre os estudantes e a construção coletiva de sentidos. Em seguida, promoveu-se um debate dialogado, no qual foram discutidos conceitos fundamentais, como “refugiado”, “migrante”, “fronteira”, “xenofobia”, “apatridia” e “direitos humanos”.

Contextualizações geográfica e política

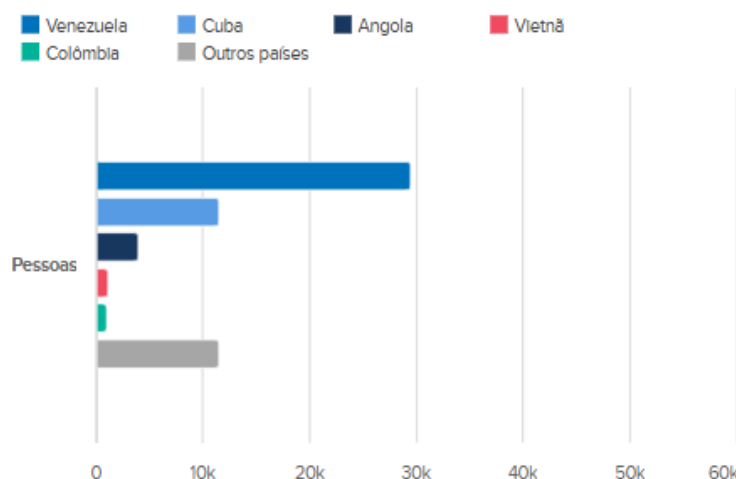
Com o uso de mapas, gráficos (figuras 3 e 4) e infográficos do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), discutiram-se conflitos mundiais e fluxos migratórios forçados. A atividade problematizou os impactos sociais, espaciais e políticos das migrações.

Figura 3 - O Brasil reconheceu o *status* de refugiados de mais de 50 mil pessoas em 2023, vindas de mais de 150 países



Fonte: Refugiados em números 2024 (ACNUR Brasil, c2001-2025).

Figura 4 - 122,6 milhões de pessoas em todo o mundo foram forçadas a deixar seus lares

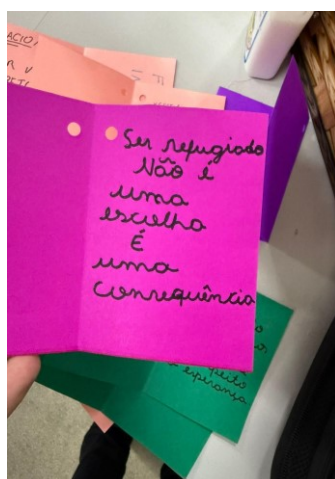


Fonte: Refugiados em números 2024 (ACNUR Brasil, c2001-2025).

Desenvolvimento de atividades artísticas

Sob o tema “*Se eu tivesse que deixar meu país, o que levaria comigo?*”, os estudantes produziram um painel coletivo, com desenhos, colagens e palavras simbólicas (figura 5). A proposta favoreceu a empatia, a expressão criativa e o trabalho colaborativo.

Figura 5 - Composições elaboradas por estudantes do IEED com base na temática da oficina pedagógica



Fonte: Acervo pessoal dos autores (2025).

A figura 5 evidencia a apropriação dos conceitos de xenofobia e refúgio por meio de representações visuais elaboradas pelos estudantes, que traduziram de forma simbólica suas compreensões sobre deslocamentos forçados, fronteiras e direitos humanos. As composições revelam não apenas a internalização de conteúdos geográficos e humanitários, mas também o desenvolvimento de uma postura empática e crítica diante das desigualdades e das tensões

sociopolíticas contemporâneas. Ao representarem situações de acolhimento, solidariedade e diversidade cultural, os estudantes expressaram a capacidade de articular saberes conceituais e afetivos, transformando a linguagem artística em instrumento de reflexão geográfica e cidadã. Essa produção visual, portanto, demonstra a efetividade das metodologias ativas empregadas na oficina, ao possibilitar que os participantes compreendessem e ressignificassem, por meio da criatividade, fenômenos complexos ligados à mobilidade humana e à convivência entre diferentes povos.

Apresentação dos trabalhos desenvolvidos

Os grupos expuseram suas produções em um painel coletivo (figura 6), no qual conceituaram as palavras-chave trabalhadas na oficina (“apatridia”, “xenofobia”, “refugiados” e “fronteiras invisíveis”), relacionando-as com exemplos do cotidiano. Além disso, representaram visualmente o fenômeno migratório por meio das bandeiras dos países de origem dos refugiados (como Venezuela, Colômbia, Angola, Vietnã e Cuba) e dos principais países de acolhimento.

Figura 6 - Produção final elaborada pelos estudantes do IEED e pelosicineiros



Fonte: Acervo pessoal dos autores (2025).

A figura 6 apresenta a síntese visual das aprendizagens construídas ao longo da oficina, revelando a capacidade dos estudantes de articular conceitos geográficos e políticos em produções colaborativas que expressam sentidos críticos e humanitários. Os elementos gráficos e simbólicos representados, como bandeiras, fronteiras, palavras-chave e figuras humanas, evidenciam a compreensão das múltiplas dimensões do fenômeno migratório e sua relação com a cidadania global. Essa produção coletiva traduz a apropriação dos conteúdos de forma integrada, ao conectar o espaço geográfico às experiências sociais e às dinâmicas de poder que marcam o mundo contemporâneo. Ao mesmo tempo, manifesta o

desenvolvimento do raciocínio geográfico, uma vez que os estudantes identificaram relações de escala, fluxos e territórios, reinterpretando-os sob uma perspectiva ética e solidária.

A figura 6 também materializa o caráter formativo da oficina, na medida em que os participantes transformaram conceitos abstratos como refúgio, apatridia e xenofobia em representações visuais significativas, reafirmando o potencial das atividades para promover consciência crítica, empatia e compromisso com os direitos humanos. Durante a apresentação, cada grupo explicou os elementos visuais e simbólicos escolhidos, justificando as conexões entre conceitos e representações. Esse momento favoreceu a troca de perspectivas, a apropriação crítica dos conceitos trabalhados e a consolidação das aprendizagens. O encerramento ocorreu com um debate coletivo, no qual se discutiu o papel do conhecimento na compreensão dos deslocamentos forçados e no enfrentamento das práticas de xenofobia.

Aplicação de questões avaliativas

Foram resolvidas coletivamente cinco questões extraídas de provas anteriores do Enem, articulando os conteúdos discutidos com os eixos avaliativos do exame.

Autoavaliação da oficina pedagógica

Ao final da oficina, após a conclusão do painel coletivo, os alunos responderam a uma atividade de autoavaliação, elaborada com linguagem simples e estrutura anônima. Esse instrumento permitiu captar as percepções da turma sobre os conteúdos, as metodologias e as dinâmicas aplicadas.

Os resultados revelaram uma recepção amplamente positiva: dos 17 participantes, 16 consideraram a oficina interessante, 15 avaliaram positivamente a clareza das explicações e 14 relataram sentir-se plenamente confortáveis durante as atividades. Alguns estudantes indicaram desafios pontuais relacionados à participação coletiva, mas, de modo geral, as devolutivas evidenciaram que a proposta promoveu uma aprendizagem significativa, inclusiva e humanizadora.

Paralelamente, os licenciandos realizaram registros reflexivos em diário de campo e em reuniões pós-oficina. Destacaram como pontos fortes o engajamento da turma, a expressividade das produções coletivas e a apropriação crítica dos conceitos de “refugiado”, “apatridia” e “xenofobia”. Identificaram também alguns desafios, como a seleção criteriosa dos materiais, o equilíbrio entre sensibilidade e rigor conceitual e a adaptação às diferenças nos ritmos de aprendizagem.

A avaliação docente permitiu compreender a importância do uso de metodologias ativas e da flexibilidade pedagógica diante das condições concretas da escola, consolidando a experiência como um momento de formação crítica e colaborativa para futuros professores.

Análise e reflexões da experiência

O desenvolvimento da oficina “Fronteiras invisíveis: refugiados, xenofobia e apatridia no mundo contemporâneo” configurou-se como uma trajetória de múltiplas aprendizagens, marcada por desafios formativos e por superações coletivas. O processo iniciou-se com incertezas típicas da formação inicial, sobretudo quanto à elaboração de uma proposta metodológica que equilibrasse adequadamente os conteúdos geográficos, políticos e humanitários, sem torná-los excessivamente complexos para a realidade dos estudantes do ensino médio técnico.

Durante o planejamento, surgiram questionamentos sobre como tornar o tema acessível, sensível e crítico, ao mesmo tempo que se mantivesse atrativo e mobilizador. A seleção de estratégias e de recursos exigiu atenção redobrada quanto à linguagem, à faixa etária dos alunos e à capacidade dos materiais de sensibilizar para a temática. No momento da execução, havia receio de que algumas atividades práticas fossem compreendidas de forma superficial pelos alunos, sendo vistas apenas como tarefas manuais, e não como instrumentos de construção de saberes e de expressão criativa. No entanto, a experiência revelou o contrário: os estudantes demonstraram engajamento e apropriaram-se das atividades como espaços de participação, de reflexão e de aprendizagem significativa.

Outro aspecto desafiador envolveu os diferentes ritmos e níveis de aprendizagem da turma. A articulação de conteúdos conceituais — como refúgio, apatridia, xenofobia e fronteiras — com metodologias ativas exigiu constantes ajustes por parte dosicineiros, sobretudo para garantir a participação efetiva de todos e para evitar dispersão diante das limitações de tempo e da estrutura escolar.

Apesar dessas dificuldades, os resultados superaram as expectativas. As estratégias adotadas provocaram reflexões profundas e possibilitaram que os estudantes compartilhassem histórias familiares de migração, o que ampliou a empatia e a conexão com o tema. As produções visuais desenvolvidas durante a oficina revelaram criatividade, sensibilidade e domínio conceitual, confirmando a eficácia das abordagens utilizadas como ferramentas pedagógicas integradoras.

A resolução coletiva de questões do Enem também demonstrou bons resultados. Os estudantes conseguiram relacionar os conhecimentos adquiridos durante a oficina com as exigências dos exames externos, evidenciando não apenas a apropriação do conteúdo, mas também o fortalecimento de suas formações cidadã e acadêmica. A autoavaliação realizada ao final da oficina apontou uma recepção positiva: dos 17 participantes, 16 consideraram a oficina interessante, 15 avaliaram positivamente a clareza das explicações, e 13 sentiram-se à vontade para participar. Embora quatro estudantes tenham demonstrado algum desconforto, os dados indicam que a maioria se sentiu engajada e acolhida durante as atividades. Quanto à avaliação geral da oficina, 14 estudantes expressaram satisfação plena, e três apresentaram

considerações intermediárias, sinalizando pontos de melhoria, sobretudo no incentivo à participação de todos.

A aplicação da oficina, como culminância da disciplina “Oficinas pedagógicas para o ensino de Geografia”, evidenciou o potencial formativo da proposta tanto para os licenciandos quanto para os estudantes da escola técnica. A vivência proporcionou aos futuros professores a experiência concreta de planejamento, de adaptação e de intervenção pedagógica em um contexto real, favorecendo a compreensão sobre a importância de uma postura docente ativa, crítica e transformadora. Essa perspectiva está em consonância com Copatti (2020a), ao defender que o professor de Geografia deve articular teoria e prática de maneira ética e politicamente comprometida, promovendo aprendizagens contextualizadas e emancipatórias.

As atividades desenvolvidas demonstraram ser possível romper com modelos fragmentados de ensino e aproximar os conteúdos escolares das vivências e dos saberes dos estudantes, conforme propõe Cavalcanti (2012). Ao integrar leitura de textos, análise geográfica, produção artística e reflexão crítica, a oficina operou em uma lógica interdisciplinar, capaz de estimular o protagonismo discente e de fortalecer o papel da Geografia como linguagem de compreensão do mundo.

As produções visuais elaboradas pelos estudantes durante a oficina permitiram a recombinação criativa de mapas, de imagens e de palavras simbólicas em trabalhos expressivos, facilitando a internalização dos conceitos e a ressignificação do conhecimento. Essa experiência vai ao encontro das ideias de Castrogiovanni (2007), que defende um ensino de Geografia prazeroso, instigante e pautado por intencionalidade pedagógica.

Mesmo diante das limitações enfrentadas — como a escolha criteriosa dos materiais, a adaptação dos conteúdos à realidade da turma e a diversidade de perfis estudantis —, os dados da autoavaliação reforçaram o êxito da proposta. As manifestações espontâneas durante as etapas da oficina, especialmente nas apresentações dos trabalhos, evidenciaram compreensão conceitual, a empatia e um olhar crítico sobre as condições vividas por refugiados e por apátridas em escala global.

Essa vivência reafirma a concepção de docência defendida por Sousa Neto (2005), segundo a qual o trabalho educativo transcende a técnica e configura-se como uma prática ética, social e política. A oficina constituiu-se como um espaço de formação e de transformação, não apenas para os alunos da escola técnica, mas também para os licenciandos, que puderam exercer sua função docente de maneira criativa, sensível e socialmente comprometida.

Por fim, a experiência reforça o valor das oficinas pedagógicas enquanto dispositivos formativos que promovem a articulação entre teoria e prática, como propõem Paviani e Fontana (2009). Ao favorecer a construção coletiva do conhecimento com base na vivência e na reflexão crítica, a proposta mostrou-se eficaz na constituição de um ensino de Geografia

que dialoga com a realidade, que valoriza a expressão subjetiva dos estudantes e que contribui para a formação de sujeitos críticos e engajados socialmente.

Considerações finais

A experiência formativa vivenciada na disciplina “Oficinas pedagógicas para o ensino de Geografia” demonstrou a relevância do trabalho pedagógico pautado na articulação entre teoria e prática, especialmente no contexto da formação inicial de professores. A elaboração e a execução da oficina “Fronteiras invisíveis: refugiados, xenofobia e apatridia no mundo contemporâneo” permitiram aos licenciandos desenvolver competências fundamentais para o exercício docente, tais como o planejamento coletivo, a mediação de saberes, a seleção de estratégias metodológicas e a adaptação aos contextos escolares concretos.

Ao abordar uma temática de grande atualidade e complexidade, a oficina proporcionou aos estudantes do curso Técnico em Segurança do Trabalho uma oportunidade significativa de reflexão crítica sobre questões geopolíticas, sociais e humanitárias. As atividades desenvolvidas fomentaram a construção de conhecimentos geográficos articulados à cidadania, ao respeito à diversidade e à valorização dos direitos humanos, contribuindo para a formação de sujeitos mais conscientes, empáticos e engajados.

Do ponto de vista dos licenciandos, a experiência fortaleceu a compreensão do papel do professor de Geografia como mediador do conhecimento e como agente político, capaz de mobilizar diferentes linguagens e recursos para promover uma educação ética, sensível e transformadora. A vivência também evidenciou a importância da escuta ativa, da intencionalidade pedagógica e da sensibilidade diante das realidades escolares, reafirmando a docência como uma prática ética, social e comprometida com o coletivo.

Além disso, os resultados obtidos por meio das observações, das devolutivas dos estudantes e da autoavaliação confirmam que as escolhas metodológicas foram adequadas à proposta, embora tenham apontado a necessidade de ampliar o estímulo à participação de todos os alunos. Nesse sentido, a oficina revelou-se um espaço potente de experimentação didática e de construção de vínculos pedagógicos, oferecendo subsídios concretos para o aprimoramento da prática docente em formação.

A experiência contribuiu para consolidar uma concepção de ensino de Geografia crítica, democrática e comprometida com os desafios do mundo contemporâneo. A realização da oficina reafirma o potencial das práticas pedagógicas contextualizadas na promoção de aprendizagens significativas, na valorização da diversidade e na construção de uma escola mais justa, acolhedora e transformadora.

Referências

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS – ACNUR. **Tendências**

Globais: Deslocamentos Forçados em 2023. ACNUR Brasil, 2024. Disponível em:

<https://www.acnur.org/br/>. Acesso em: 13 jun. 2025.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de Geografia na pós-modernidade. *In*: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; KAERCHER, Nestor André (org.). **Geografia:** práticas pedagógicas prazerosas para o Ensino Médio. Porto Alegre: Artmed, 2007. v. 2, p. 35-47.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A formação profissional: princípios e propostas para uma atuação docente crítica. *In*: CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de Geografia na escola**. Campinas, SP: Papyrus, 2012. p. 179-198.

COPATTI, Carina. A construção de um pensamento pedagógico-geográfico de professor. *In*: COPATTI, Carina. **Geografia(s), professor(es) e a construção do pensamento pedagógico-geográfico**. Curitiba: CRV, 2020a. p. 15-38. (Coleção Educação e Geografia – Tramas e Tecituras Contemporâneas).

COPATTI, Carina. Construir-se professor... entre a formação e a atuação docente. *In*: COPATTI, Carina. **Geografia(s), professor(es) e a construção do pensamento pedagógico-geográfico**. Curitiba: CRV, 2020b. p. 39-64. (Coleção Educação e Geografia – Tramas e Tecituras Contemporâneas).

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli; FONTANA, Niura Maria. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 14, n. 2, p. 77-88, maio/ago. 2009. Disponível em: <https://anpof.org.br/periodicos/conjectura-filosofia-e-educacao/leitura/692/25305>. Acesso em: 21 maio 2025.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes. O ofício, a oficina e a profissão: reflexões sobre o lugar social do professor. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 249-259, maio/ago. 2005. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/Cwf9njhMD9TfxmCvnZFhvNy/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 9 ago. 2025.

Recebido em: 17/9/2025

Aprovado em: 16/11/2025